



## **Quem Lê Tanto Romance? As Práticas de Leitura dos Livros do Coração<sup>1</sup>**

Roberta Manuela Barros de ANDRADE- Universidade Estadual do Ceará<sup>2</sup>

Erotilde Honório SILVA- Universidade de Fortaleza<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho se insere na história das práticas de leitura dos romances sentimentais, isto é, dos seus usos e formas de apropriação. Assim, elegemos como objeto de análise as práticas de leitura de uma comunidade interpretativa, situada no município de Fortaleza, na região nordeste do Brasil. Para tal, selecionamos como ponto central de reflexão, leitoras, de gerações e posições sociais diferentes, de romances sentimentais, tanto frequentadoras das bancas de revista do Centro de Fortaleza como partícipes de comunidades de leitura, reais e virtuais, que consomem avidamente tais romances. Para entender estas práticas de leitura, fez-se necessário adentrar em dois universos distintos: o do texto propriamente dito e o da vida cotidiana de seus leitores. É a fusão desses dois horizontes que constrói o que chamamos de criação social dos bens culturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** romance sentimentais; comunidades interpretativas; práticas de leitura.

### **1. Romances, Leituras e Leitores**

“Algumas mulheres só conseguem amar uma vez. Se o homem que conquistou esse amor morre, é como se elas perdessem a capacidade de amar.” “Sua capacidade de raciocínio lógico desaparecera. Uma força mais poderosa, instintiva, quase mágica, passara a dirigir os seus atos”. “Havia sido uma alma alcançando outro espírito, uma mulher encontrando o homem a quem pertencia, desde o início dos tempos”. Tais frases acima foram retiradas de romances contemporâneos que podem ser consumidos tanto em bancas de revistas como em grandes livrarias e mesmo em sebos ou em pequenos estabelecimentos comerciais radicados na internet. Trata-se de um tipo de literatura que atinge a milhares de mulheres ao redor do mundo, e que adquiriu, ao longo do tempo, a alcunha de romance sentimental, romance cor de rosa ou romance do coração. Tais romances são produtos do que se convencionou chamar de literatura de massa.

No Brasil, considerado um país de analfabetos e analfabetos funcionais, no qual as campanhas de incentivo à leitura são constantes, é ainda surpreendente que o hábito de ler romances oriundos da literatura de massa ainda esteja fora das estatísticas oficiais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP Produção Editorial do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunto K da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: manubarros@secrel.com.br.

<sup>3</sup> Graduada em Comunicação Social, mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professora Titular da Universidade de Fortaleza. E-mail: eroh@unifor.br.



dos governos. Apesar de movimentarem um mercado milionário ao redor do mundo, só se equiparando, hoje, aos livros de auto-ajuda, tanto as políticas públicas têm ignorado sistematicamente a prática da leitura de romances quanto na academia a ausência de reflexões que elegem tal objeto empírico, é flagrante<sup>4</sup>.

Apesar da cultura de massa ser objeto de reflexão de várias áreas do conhecimento, desde o século XIX, pouco destaque tem sido dado a uma de suas expressões mais polêmica: a literatura de massa. Esta literatura é produzida por inúmeros autores, cujos nomes em geral seus leitores não guardam (SODRÉ, 1978). Em seus primórdios, estes livros eram publicados em papel de qualidade inferior, ainda que hoje possam, dependendo das pretensões editoriais, serem confeccionados com material de maior qualidade. Trata-se de uma narrativa produzida para o entretenimento a partir de uma demanda de mercado destinada a um vasto público consumidor, abarcando todas as gerações e classes sociais.

Em geral, a literatura de massa é vista de forma diametralmente oposta em relação à literatura de elite<sup>5</sup>. Mas, embora seja usual a divisão da literatura em erudita e popular, ou séria e massificada, esta dicotomia somente adquiriu consistência após a solidificação de uma indústria voltada à venda, em grandes quantidades, dos produtos culturais. A massificação da cultura, que tem, num primeiro momento, a literatura como modelo, só pode ser possível graças à alfabetização em massa dos setores urbanos (CALDAS, 2001; AVERBUCK, 1984).

A instrução massiva é correlata à organização e à produção de mercadorias em larga escala, ao crescimento das cidades, a um sistema complexo e universal de comunicações e ao crescimento dos movimentos políticos de massa. Deste modo, a crescente difusão da imprensa e contínua influência dos jornais na constituição do gosto burguês sobre a produção literária vigente representaram a culminação de um processo iniciado séculos antes, com a ascensão da burguesia à classe dirigente.

---

<sup>4</sup>. Destacam-se como honrosas exceções os trabalhos de Cunha (1999), Dumond (2000), Abreu (2003) e Andrade e Silva (2008, 2009, 2010) que tem, nos últimos anos, eleito tais romances como objeto de estudo, ainda que trabalhem em perspectivas teórico-metodológicas muito diferenciadas.

<sup>5</sup>. O fato de, ainda hoje, a cultura letrada estabelecer a separação entre a literatura erudita e popular ou massiva, dando à primeira status de cultura superior não pode ser entendida sem uma reflexão sobre os princípios que formam o “gosto cultural”. Segundo Bourdieu (1979), o gosto é delimitado pelo lugar social que os indivíduos ocupam na hierarquia social. Esse lugar é, no entanto, determinado pelas classes tidas como superiores, a partir dos mecanismos da distinção social, produzida pelos primeiros para legitimarem suas escolhas culturais. Para tal, o prazer usufruído pelo consumo de bens culturais massivos é taxado pelos elitistas de inferior, grosseiro, vulgar, venal, servil, enquanto seu próprio gosto é percebido como gerador de prazeres sublimados, refinados, desinteressados. Assim, a literatura popular é percebida, aos olhos da cultura letrada, como simples e sem profundidade, e, por conseguinte, barata, inoculadora de prazeres infantis e primitivos. Daí porque os livros sentimentais são taxados de fáceis, ligeiros, fúteis, enganadores, superficiais, aliciadores, enfim, vulgares.



Nesta literatura, o leitor é constituído como um sujeito consumidor. O livro e seus personagens devem ser consumidos como uma cerveja ou um enlatado: lê-se rapidamente, e joga-se fora depois a embalagem porque o produto é perecível (SODRÉ, 1978). Isto faz com que a literatura de massa renove constantemente as suas regras de verossimilhança e seus conteúdos readaptando-os, seguindo de perto as expressões mais claras das transformações sociais em curso na contemporaneidade. Em geral, a literatura de massa persegue modelos retóricos universais e, portanto, transnacionais, o que explica o admirável sucesso de autores estrangeiros mundo afora.

Tal literatura aparece, no universo letrado, como um sinal da crise cultural na qual se encerra a sociedade contemporânea. Analisada a partir dos cânones oficiais oriundos da cultura erudita, poucas vezes, esta literatura foi pensada como uma prática social representativa das formas de se situar, entender e agir no mundo atual. No interior desta literatura no qual se destacam os livros de ficção científica, os livros policiais, os livros de faroeste, os livros de aventuras e os livros de auto-ajuda, os livros sentimentais acabam encontrando um lugar de peso nas práticas culturais da contemporaneidade, sendo um dos poucos produtos massivos cuja leitura é eminentemente feminina.

Mas, como as maneiras de ler não se reduzem a modelos propostos, existindo protocolos de leitura inseridos em diferentes grupos, com distintos leitores, elegemos como objeto de análise as práticas de leitura de uma comunidade interpretativa<sup>6</sup> específica, situada no município de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, na região nordeste do Brasil<sup>7</sup>. Para isso, selecionamos como ponto central de reflexão, leitoras, de gerações e posições sociais diferentes, de romances sentimentais, tanto frequentadoras das bancas de revista e sebos do Centro de Fortaleza como partícipes de comunidades de leitura, reais e virtuais, que consomem avidamente tais romances. Estas leituras são não somente como uma opção de lazer, mas também, uma mediação para a construção de identidades e de interações moldadas por laços de afeto e solidariedade entre o seu público consumidor. Estes laços tiveram início em encontros casuais nos postos de vendas, nos espaços públicos em geral, ou por intermédio de conhecidos em comum nas comunidades virtuais voltadas para a discussão deste tipo de literatura.

---

<sup>6</sup> Entendemos comunidade interpretativa na mesma acepção de Radway (1987), como um espaço no qual os leitores constroem e empregam assunções e estratégias de compreensibilidade dos textos semelhantes mesmo que eventualmente, não tenham contato uns com os outros.

<sup>7</sup> A pesquisa de campo realizada para este trabalho foi elaborada entre 14 de janeiro e 25 de maio de 2011. Participaram desta pesquisa as bolsistas Angícia Gomes Pereira Morão/CNPq; Elisabete Magalhaes Santos/FUNCAP e Nadja Ohana Soares Guilherme/UECE-PROVIC .



Estas mulheres tanto consomem estes livros em espaços privados como públicos, de forma isolada ou de forma compartilhada, em momentos específicos ou aleatoriamente. Elas, ao mesmo tempo em que compram nas redes oficiais de venda os últimos lançamentos do mercado, entrando, inclusive, em contato com os editores que lançam as obras no Brasil, em busca de promoções, materiais de divulgação e descontos, ainda permutam e negociam os romances de “coleções passadas” em bancas de revista ou em sebos, bem como estabelecem um circuito de empréstimo no interior da sua própria comunidade de consumo. Algumas delas, inclusive, fazem parte de comunidades virtuais nas quais trocam “ideias” sobre os últimos lançamentos do mercado bem como sobre os “clássicos” do passado.

O comércio nas bancas e nos sebos dos Centros da Cidade de romances “antigos” é um negócio com características *sui generis*. As clientes desses estabelecimentos têm duas opções mercantis: 1) Podem comprar os exemplares “velhos” que se encontram amontoados, em quantidades inacreditáveis, em pilhas nas bancas e nos sebos a preços entre R\$1,50 e R\$ 5,00, dependendo da avaliação que o livreiro faça do valor e da qualidade da obra; 2) Podem trocar os seus exemplares antigos, acrescentando entre R\$ 0,50 a um R\$ 2,50 na troca de um exemplar ou podem realizar o sistema “2 por 1”, sem mais acréscimos. Esta avaliação depende também de uma compreensão típica do “mundo das vendas” que se baliza na percepção que o livreiro faz da intensidade do desejo de compra por parte da cliente como também do estado de conservação do livro, apesar de que tais critérios não são aplicados a todas as negociações. Por outro lado, competências específicas dos livreiros sobre as regras e formas do gênero, assim como a experiência adquirida a respeito das coleções mais procuradas e autores mais desejados também entram na pauta de negociação.

Seja como for, tanto a compra direta como os mecanismo de troca requerem uma complexa estratégia de valorização/desvalorização do livro realizada por ambas as partes, em momentos diferentes do processo, que, obviamente, tem como fim último, a “pechincha”. Estas estratégias de valorização, do livro a ser “vendido” de um lado e desvalorização do livro a ser “trocado” de outro e vice-versa, exigem do livreiro certo conhecimento da estrutura do romance e de seu peso em suas comunidades de leitoras. Em muitas bancas, a pesquisa constatou que os livreiros são bons conhecedores dos produtos que vendem, tornando o jogo da “pechincha”, uma verdadeira “luta de titãs”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> . Destaca-se, como representantes dos livreiros, D. Simone, dona de um sebo, no Centro de Fortaleza, denominado de *Cantinho do Livre*, participe, ela própria, de uma comunidade de leitura de romances.



A nossa coleta de informações se deu em três espaços sociais distintos de Fortaleza: em bancas de revistas e em sebos do Centro da cidade, na comunidade de leitoras de romances no Orkut denominada de *Adoro Romances em Fortaleza* (ARF), atuante tanto nas redes sociais quanto em reuniões presenciais em shoppings de Fortaleza e em uma comunidade de leitoras que se reúne, periodicamente, no bairro Granja Portugal<sup>9</sup>. A ARF é uma comunidade da rede de relacionamentos Orkut<sup>10</sup>, que agrupa um total de 177 integrantes virtuais. Desses, tivemos contato pessoalmente com cerca de 15 integrantes. Na Granja Portugal<sup>11</sup>, o grupo de amigas e leitoras de romances engloba aproximadamente 15 integrantes. Em geral, estas mulheres se reúnem presencialmente não só para discutir romances, mas também para comemorar aniversários, jogar conversa fora, partilhar experiências relativas à vida doméstica, ao mundo do trabalho e às relações conjugais.

O grupo *Adoro Romances em Fortaleza* (ARF) se originou, em 2008, da comunidade virtual *Adoro Romances*, formada por leitoras de todo o País. Após transitarem em casas particulares e em vários shoppings espalhados pela Cidade, os encontros se dão, hoje, no Shopping Benfica<sup>12</sup>. As reuniões periódicas do grupo ocorrem geralmente, no terceiro domingo de cada mês, mas há também o que elas chamam de “Encontros fora dos Encontros”. Esses encontros se dão quase que semanalmente, no salão *Rachel de Queiroz* da livraria *Saraiva Megastore*, no Shopping Iguatemi. Lá, elas discutem o lançamento de algum livro em particular, a produção de algum autor específico ou da série a qual ele pertence. Essas reuniões terminam, quase sempre, com o sorteio de exemplares doados por editoras parceiras. Na ARF, as mulheres trocam informações sobre preferências de leituras, autores, obras etc. A sua organização interna também comporta o gerenciamento de um livro-caixa coletivo, destinado a viagens do grupo, a assinaturas anuais de livros e revistas e a compras de lançamentos e/ou raridades pela internet, especialmente pelo site do *Mercado Livre* e da

---

<sup>9</sup>. No Centro da Cidade, foram visitadas 09 bancas e um sebo, localizados em torno da Praça José de Alencar e das popularmente conhecidas Praça dos Leões e Praça do Coração de Jesus. Foram a partir de contatos angariados em inúmeras tardes, jogando conversa fora com as compradoras desses romances, clientes desses estabelecimentos que entramos em contato com as duas comunidades acima citadas. Participaram da pesquisa, assim, tanto as consumidoras frequentadoras das bancas de revista e dos sebos do Centro da Cidade como as que participam das duas comunidades descobertas pela pesquisa. Foram entrevistadas ao todo, nesta fase da pesquisa, 26 mulheres.

<sup>10</sup>. Além da comunidade ARF no Orkut, estas mulheres montaram dois blogs: [www.adororomancesfortaleza.blogspot.com](http://www.adororomancesfortaleza.blogspot.com) e [www.asmeninasqueleemlivros.blogspot.com](http://www.asmeninasqueleemlivros.blogspot.com). Os blogs tem o mesmo fim do orkut: divulgar livros e filmes de temática romântica, por meio de resenhas publicadas pelas proprietárias, assim como promover gincanas virtuais, cuja recompensa é algum título recém-lançado no mercado. Neles, também se encontram links para outros veículos de comunicação com o grupo, como o site no Twitter e no Facebook, e um endereço de e-mail coletivo.

<sup>11</sup>. Bairro periférico de Fortaleza.

<sup>12</sup>. Shopping popular de Fortaleza, situado nas imediações do campus universitário da UFC e da UECE.



loja *Submarino*<sup>13</sup>. O poder aquisitivo e o nível de escolarização desta comunidade de leitoras são maiores do que a comunidade que atua na Granja Portugal, mas em compensação a faixa etária é mais jovem, variando em torno dos 25 anos de idade.

Coincidentemente, o grupo de leitoras da Granja Portugal também se formou a partir de 2008. Eles se reúnem no intervalo de tempo entre 1 mês a 2 meses, em casas particulares. Nos encontros, elas trocam livros<sup>14</sup>, emitem opinião a respeito da trama, indicam leituras e falam sobre suas autoras preferidas, mas a conversa não está restrita ao mundo da leitura de romances sentimentais. Inicialmente, se o que as motivava era a mesma “loucura compartilhada pelos romances”, hoje, os encontros tem como mote a comemoração de algum evento do mundo privado de cada uma delas (aniversários, batizados, formaturas etc). A faixa etária deste grupo está entre 36 e 45 anos de idade.

Em geral, as leitoras se conheceram através de contatos diretos em lugares públicos como as bancas e sebos, mas também, em paradas de ônibus, clínicas médicas, locais de trabalho e locadoras de vídeo. Costumam comprar seus livros na Banca Terraã, na *Praça do Ferreira*, no Centro da Cidade, mas eventualmente consomem livros pelo site da *Estante Virtual* e pelo *Mercado Livre*. Em especial, no site da *Estante Virtual*, dizem encontrar com maior facilidade histórias mais antigas e, embora a compra seja mais cara (principalmente por causa do frete), segundo elas, quando se encontra um livro especial, vale a pena o gasto extra.

Neste contexto, este trabalho salienta o papel determinante do leitor na construção social dos sentidos dos textos e seus significados ideológicos. No Brasil, são encontradas ainda poucas pesquisas que elegem como objeto os hábitos de leitura de comunidades interpretativas<sup>15</sup>. Em geral, as pesquisas se restringem a estabelecer uma relação entre os hábitos de leitura e as crianças e/ou adolescentes na escola, possuindo, não só uma perspectiva pedagógica, mas também estabelecendo uma dicotomia entre literatura erudita e literatura de massa<sup>16</sup>. Não é por nenhum desses vieses, portanto, que construímos este trabalho.

---

<sup>13</sup>. Elas também consomem romances sentimentais digitalizados encontrados em sites o da *Pégasus Lançamentos*, da *Prazer em Seduzir* (PES), do *Projeto Revisoras e Traduções* (PRT) e da *Adoro Romances em E-books* (ARE).

<sup>14</sup>. Em cada reunião presencial, os membros levam livros para serem alocados no sistema de empréstimos ou trocas.

<sup>15</sup>. Aqui, destacam-se o trabalho de Medina (1975) que objetivava detectar o gosto pela leitura no perímetro urbano de estudantes do ensino médio, de Milanesi (1978) sobre o acesso à informação de uma população interiorana do Estado de São Paulo e o de Lourenço (2000) sobre a circulação de literatura estrangeira na escola.

<sup>16</sup>. O estudo de Bosi (1978) é o mais famoso deles. Apesar de retirar o âmbito da pesquisa do ambiente escolar ao entrevistar mulheres operárias sobre seus hábitos de leitura, a sua reflexão é emblemática em termos de perceber a cultura popular em contraposição à cultura das elites.



Acreditamos, como Chartier (1990), que as práticas culturais se apresentam sempre de forma circular<sup>17</sup>. Assim, se há circularidade na cultura, há também circularidade nas práticas de leitura. Deste modo, não se pode fazer correspondência estrita entre clivagens culturais e hierarquias sociais, relacionando simplesmente objetos e formas culturais particulares a grupos sociais específicos ou culturas específicas. Os romances sentimentais se inserem em circulações fluidas, em práticas compartilhadas que atravessam as barreiras sociais. Como portadores de práticas e dos pensamentos da maioria são sempre mistos, combinando formas e motivos, invenções e tradições, cultura letrada e base folclórica (CHARTIER, 1990). Neste sentido, não se pode ignorar empréstimos e intercâmbios entre as classes sociais que se materializam nos conteúdos e formas encontradas nos romances sentimentais.

Assim, este trabalho se insere na história das práticas de leitura, isto é, dos usos, das maneiras, das formas de apropriação de livros que constituem efetivamente uma prática cultural. Assim, as práticas de leitura dão aos textos significados plurais e móveis, nas formas de ler, públicas ou privadas, coletivas ou individuais, herdadas ou construídas. Para entender estas práticas de leitura, faz-se necessário adentrar em dois universos distintos: o do texto propriamente dito que nos fornece princípios de leitura que estão implícitos no objeto impresso (CHARTIER, 1988) e na experiência literária (JAUSS, 1978) que este objeto constrói (o gênero propriamente dito e suas formas estilísticas) e o da vida cotidiana (o mundo do leitor). Desta forma, ainda que apresentemos a leitura implícita ou visada pelo impresso, salientamos que este viés não diz o que é a leitura efetuada. Assim, ao lado do livro, temos os usos do livro. É a fusão desses dois horizontes que constrói o que chamamos de criação social dos bens culturais<sup>18</sup>.

## **2. Os Romances do Coração e Suas Marcas de Leitura: O Objeto Impresso**

Na Europa, o romance contemporâneo, entra em cena entre os séculos XVIII e XIX, e se caracteriza pela incorporação de traços realistas aos textos, seja pela presença

---

<sup>17</sup>. O conceito de circularidade cultural pode ser encontrado em Ginsburg (1992). Este autor acaba por formular uma visão da cultura popular que não se confunde com uma cultura imposta às classes populares pelas classes dominantes, tampouco exprime um triunfo de uma cultura original e espontânea das classes populares sobre os projetos aculturadores das elites letradas. Através dos registros encontrados nos arquivos da Cúria, Ginsburg percebe o complexo processo de circularidade cultural presente num moleiro que, embora egresso das classes populares, sabia ler e com certeza lera certos textos produzidos no âmbito das classes dominantes, filtrando-os através dos valores da classe camponesa.

<sup>18</sup>. Neste sentido, entendemos bens culturais na mesma acepção de Jauss (1978), como resultado da convergência de um texto e de sua recepção, o que leva a considerar a construção do sentido através de um trabalho de diálogo, no qual cada parte envolvida constrói uma lógica própria. Jauss salienta ainda que centrar esta reflexão na cultura de massa é reconhecer que os seus textos são a principal fonte de experiência estética para a maior parte de nós.





de uma “prosa viva”, pela atenção ao detalhe, pelas descrições dos cenários, e pela introdução de elementos vinculados à vida cotidiana das pessoas comuns. Mas, somente em fins do século XVIII iria se fixar na Inglaterra o termo *novel* e na França *Roman*, fazendo referência a este novo estilo literário. Entrementes, como lembram Abreu et alli (2003), em seu nascedouro, o romance já trazia polêmicas. Discutia-se, nos círculos literatos, problemas de forma, técnica e de conteúdos propriamente ditos, o papel do romancista e as relações dos romances com outros gêneros e as questões éticas implícitas.

Entre seus opositores, as objeções à sua leitura diziam respeito à corrupção dos gostos e da moral e à perda de tempo que propiciava. Afirmavam que com essa leitura, não se educava o espírito nem se salvavam as almas, pelo contrário, a identificação com seus personagens era perigosa, pois, apresentava situações moralmente reprováveis (adultérios, incestos, seduções, crimes etc), portanto, potenciais corruptoras da moral e dos bons costumes. As críticas do século XIX aos romances, em especial os sentimentais, típicos do consumo feminino, refletiam a ideia de que a leitura, ao remeter a mulher a si mesma, a seus próprios pensamentos e emoções, podia exaltar a imaginação e excitar as paixões mundanas, fazendo-a preferir o mundo da fantasia ao real.

À parte as questões éticas, intelectuais, estéticas e religiosas suscitadas pelo romance, o gênero se dissemina rapidamente, se popularizando, em fins do século XIX, com o êxito do processo de instrução em massa da Europa Ocidental, tornando-se acessível a novos grupos sociais: mulheres, crianças, pequenos burgueses e camponeses. Esta ampliação do público dá lugar aos mais diversos tipos de impressos dos quais se destaca o romance sentimental<sup>19</sup>. Este processo de multiplicação de escritos acaba criando uma hierarquização de valores entre os impressos, restando aos romances sentimentais, eminentemente lidos por mulheres, a categorização de literatura fútil, fantasiosa, alienadora e simplória, pensamento que atravessou todo o século XX e que perdura até, pelo menos, a primeira década do século XXI. De lá para cá, o trunfo do pequeno formato e a queda do preço desse tipo de livro, levou à sua crescente massificação, tornando-se um dos produtos mais bem sucedido do mercado editorial mundial.

---

<sup>19</sup>. A crítica especializada chama de romances sentimentais uma obra de ficção cuja temática trata de sentimentos e paixões, com expressões variadas e polissêmicas, com pesos e formatos desiguais. São, pois, histórias de amor que concentram sua atenção sobre os estados emocionais e os conflitos internos muito mais do que sobre as ações internas (SAMONÁ, 1980).





A prática da tradução favoreceu a difusão mundial do gênero, o que permitiu a sua entrada no Brasil, pelo menos a partir do século XVIII, tornando-se um hábito cultural entre as elites por todo o século XIX, intermediado, principalmente, por editoras francesas de grande porte, que tanto mediavam a tradução de romances ingleses como produziam seus próprios autores. Entretanto, somente nas primeiras décadas do século XX, com a criação de editoras nacionais, o produto inicia seu processo de ampliação de público, entrando no universo das camadas médias brasileiras. O grande marco dessa trajetória é o lançamento da Coleção Biblioteca das Moças, da Companhia Editora Nacional (CUNHA, 1999, ANDRADE e SILVA, 2008, 2009). Com a ditadura militar, estes livros, chegam às bancas de revistas, a preços módicos, atingindo agora também às camadas populares (ANDRADE e SILVA, 2010). Nos anos de 1980, entram em um processo de diversificação de autores e coleções, processo este que perdura até a contemporaneidade. Em 30 anos, as editoras especializadas produziram 26 coleções diferentes, com 84 subdivisões, grande parte delas ainda em vigor na contemporaneidade.

Em geral, a estrutura desses romances é a mesma, respondendo a características básicas que se repetem incessantemente. Trata-se de um texto, aparentemente, sem autonomia, regido por modelos retóricos universais, com estruturas transparentes, orientado pela abundância de diálogos e pela exploração da curiosidade do público, com um discurso amplamente reformista. Estilisticamente, há a valorização de sentenças e frases feitas, cumulação de sentido sensacionalista e medíocre, frequente perda de sentido e coerência, com abundância de clichês e constante descritividade. Os seus enunciados são simples, lineares, fechados, acompanhando, em teoria, a capacidade léxica das massas as quais pretende atender. Assim, os discursos, nos romances sentimentais, trabalham sobre os mesmos motivos, reproduzidos, realocados, ou invertidos.

A estrutura modelar destes romances foi introduzida no Brasil, por volta dos anos 1980, com as Coleções *Julia*, *Sabrina* e *Bianca*<sup>20</sup>, com grande sucesso. O seu êxito comercial foi tamanho que até hoje, nos recantos de comércio de coleções passadas, encontrados, no Centro de Fortaleza, estão entre os mais procurados pelas fãs

---

<sup>20</sup>. Autoras de romances sentimentais que se tornaram, a partir dos anos 1990, best sellers ao redor do mundo, como Janet Dailey e Nora Roberts, iniciaram suas carreiras publicando em tais coleções. Apesar da qualidade inegável do papel, das capas trabalhadas e do complexo sistema de marketing construído ao redor de seus lançamentos, inegavelmente, tais *best sellers* continuam a ter uma estrutura narrativa que se alicerça fundamentalmente no formato difundido pelas Coleções *Julia*, *Sabrina* e *Bianca* nos anos 1980.



do gênero, só perdendo para a Coleção *Clássicos Históricos*. Entrementes, o que pensam a sua comunidade leitora destes livros? Como rearticulam as marcas textuais aqui apresentadas? Como as compreendem? De que forma, as práticas de leitura dos romances penetram em suas vidas? Estas questões que nortearam esta pesquisa obedecem a um esquema interpretativo que leva em conta o que Chartier (1988) denomina de estudo das distribuições reais dos usos e dos empregos da presença do livro e das suas formas de lê-lo.

### 3. As Leituras dos Romances e seus Usos Sociais

A procura do prazer, da felicidade ou da alegria é um dos traços fundamentais do lazer na sociedade contemporânea. Não é à toa que o hábito de ler romances sentimentais é encarado por nossas entrevistadas como uma atividade relacionada ao binômio lazer/prazer. Se para Dumazedier (1979), o lazer é, na era moderna, concebido como uma atividade fora do tempo de trabalho, no tempo desocupado que complementa e compensa o indivíduo da faina diária, para nossas mulheres, o lazer ao mesmo tempo em que ocupa o espaço destinado ao relaxamento e à distração da labuta, é o exercício da liberdade. As mulheres desta pesquisa traduzem o ato de ler romances sentimentais como um “momento só para si”. A leitura de romances compreende, assim, a oportunidade de demarcar um espaço e um tempo somente seu dentro de seus inúmeros afazeres e encargos diários e emocionais.

A hora da leitura é, assim, para algumas, um momento de relaxamento desses múltiplos encargos, levando as leitoras, por momentos, para longe das demandas psicológicas e emocionais que as direcionam a atender às necessidades físicas e afetivas de seus familiares ao mesmo tempo em que as afastam das cobranças as quais o mundo do trabalho é tão fecundo. Neste sentido, é um hábito social, situado num tempo disponível, no qual os recursos mentais não estão voltados para resolver os problemas da vida cotidiana. É o momento em que se deixa o universo racional, regulado e hierarquizado de rotinas produtivas e organizáveis e entra-se num universo onde a emoção, a paixão e os excessos purgados pelo processo civilizatório<sup>21</sup>, podem encontrar lugar.

---

<sup>21</sup> Elias (1994) nos mostra como, no decorrer do processo civilizador, protagonizado pela burguesia, as emoções e os instintos foram excluídos do palco da vida comunal e investidos de sentimentos de vergonha. Esse controle social das emoções, descreve Elias, é convertido em auto-controle cada vez mais estável, uniforme e generalizado, visto como marca de distinção e de prestígio. No entanto, os indivíduos resistem a serem pautados por essa nova subjetividade. O comportamento consumista, a procura de diversão, os lazeres industriais embora dependem da razão mercantil que



Mas, o lazer, na era moderna, não pode ser compreendido, como pensa Dumazedier (1979) como desinteressado, livre de instrumentalizações. Na concepção de nossas mulheres, trata-se de um lazer engajado, utilitário. Elas ressaltam, em seus discursos, a leitura dos romances como uma experiência de “aprendizagem contínua sobre lugares e tempos distantes”. Neste sentido, elas retomam as querelas do século XIX em torno dos romances sentimentais, que os definiam como inúteis para o processo de instrução dos indivíduos ao qual todo ato de leitura deveria necessariamente contribuir (DUMOND, 2007). Para se defenderem das críticas do mundo ilustrado de que a sua leitura é “uma perda de tempo”, fútil e superficial, os romances sentimentais devem acompanhar as leituras “sérias”, fornecendo informações entendidas como úteis à vida social.

Neste contexto, o consumo de livros por parte das mulheres entrevistadas é espantoso, tendo em vista a idéia partilhada pelo senso comum de que os brasileiros lêem pouco. As mulheres entrevistadas lêem, em média, entre 5 a 10 romances ao mês, com um ritmo de leitura diário ou quase diário. A leitura em grandes proporções desses romances- cada romance tem em torno 150 a 250 páginas, a depender da coleção onde está inserido- nos leva a empregar o termo leitor competente para designar estas mulheres. Segundo Radway (1986), o leitor competente indica um tipo de leitura regular, que acaba fazendo com que estas mulheres tenham uma trajetória histórica com o gênero<sup>22</sup>. A maior parte delas começou a ler na adolescência e tem prosseguido na leitura até a contemporaneidade.

Para Jauss (1978), nesta competência está implícito o horizonte de atenção dos leitores como uma unidade, fundada sobre a experiência compartilhada que permitiria a compreensão dos sinais textuais postos no texto. Neste sentido, esta competência pode ser lida no próprio processo de seleção das obras a serem consumidas: a grande maioria de nossas *experts* selecionam os livros a serem comprados a partir do resumo publicado na anti-capa e do autor da obra, apesar de que a indicação de parentes/amigos também

---

conforma a sociedade emergente, também podem ser considerados como uma forma de processo de resistência aos processos de mecanização da sociedade (RUDIGER, 2002).

<sup>22</sup>. O universo da pesquisa situa estas leitoras, prioritariamente, entre os 18 e os 45 anos de idade. A quase totalidade das leitoras é atuante no mundo do trabalho, exercendo ocupações as mais diversas, muitas delas, inclusive, trabalhando em mais de uma atividade laboral. São casadas, divorciadas, viúvas e solteiras, apesar de que as solteiras predominam ligeiramente sobre as casadas. A maior parte delas não tem filhos. A quase totalidade das entrevistadas professa a religião católica, com uma pequena parte, constituída de evangélicas. A grande maioria das entrevistadas está situada na hierarquia educacional entre o ensino médio completo e o superior incompleto. A renda média dessas mulheres, em sua maioria, se situa entre 2 e 4 salários mínimos. Entre os lazares alocados, fora o hábito de leitura, está assistir à TV, ir ao cinema, manusear o computador e escutar música. Elas dividem a leitura dos romances sentimentais com outros tipos de romances como de aventura, suspense e policiais, além da leitura de jornais e periódicos, desde os de informação aos de entretenimento.



pese na decisão, além do título e da capa, mas tais influências são indicadores bem menos importantes do que seu próprio conhecimento sobre o gênero.

Entrementes, a sua avidez pela leitura nos faz situá-las no que Chartier (1988) chama de leitura extensiva. Para Chartier (1988), esta se inicia, na Europa, a partir da primeira metade do século XIX, quando o mercado editorial, já consolidado, faz proliferar o acesso a numerosos livros, lidos numa relação individual e silenciosa<sup>23</sup>. É uma leitura laica que determina o seu afastamento das celebrações religiosas, eclesiais ou familiares ao mesmo tempo em que se passa de um texto a outro, não se tendo mais apreço pelo objeto impresso cujo destino é ser abandonado ou jogado fora<sup>24</sup>. Esta nova forma de leitura, em tese mais superficial, traduziria um investimento menor no livro e na eficácia dos textos como mestres da vida.

De fato, com exceção de 01 entrevistada, todas as outras 25 mulheres não lêem este romances porque “desejam ter um romance como o da heroína”. Neste sentido, a leitura não funciona como um mapa do tesouro para encontrar o “amor ideal” ou o “príncipe encantado”. Há uma vida real que é diferente da vida descrita nos romances porque aquela exige outras estratégias de ação distintas das encontradas nos livros sentimentais. A leitura dos romances não funciona como os antigos almanaques, fornecendo “fórmulas” para uma vida feliz. Assim sendo, 90% das entrevistadas dizem não fazer relação entre o que lêem e sua vida cotidiana. Os homens inteligentes, gentis e fortes dos romances dificilmente se equiparam aos de carne e osso, taxados, em unanimidade pelas leitoras, como verdadeiros “cavalos batizados”. O poder da leitura, pois, traduzido no senso comum, como capaz de guiar pensamentos e condutas deve ser relativizado no que diz respeito ao âmbito desta pesquisa.

### **Considerações Finais**

Assim, esta leitura, nem intensa nem profunda se adéqua ao formato dos romances, permitindo a rápida decifração de sequências breves e fechadas, exigindo referências explícitas, o que atesta uma leitura cheia de retomadas que permite renovar,

---

<sup>23</sup>. Até este momento, os leitores encontravam-se confrontados com muito poucos livros (a bíblia, as devoções, o almanaque) que permitiam a gerações diferentes sucessivos e idênticos referenciais. Era a leitura em voz alta na família ou na Igreja, que exigia a memorização dos textos ouvidos, cujos valores eram reconhecidos por todos. Na Alemanha reformada como na América puritana, a bíblia constituía a alimentação primeira desta prática cultural. A leitura é reverenciada porque é rara. Assim, seria a leitura intensiva, em tese, que produziria a eficácia do livro, em seu poder de guiar pensamentos e condutas (CHARTIER, 1988).

<sup>24</sup>. Mas, se a leitura dessas mulheres é extensiva, isto não significa que todas as obras oriundas deste tipo de leitura, como o pensou Chartier (1988), são abandonadas ou jogadas fora. Muitas obras são vendidas/trocadas depois de lidas, mas outras não. As leitoras costumam guardar consigo exemplares do que consideram os “melhores romances”, que se tornam bens preciosos, ornamentando estantes, em lugares de destaque em seus lares.



em qualquer ponto, a leitura interrompida. Esta leitura aproximativa, que associa unidades elementares para ter uma coesão mínima não dá importância às incoerências do texto, pois, permite somente um processo de interpretação linear e não global. Esta leitura que pode ser interrompida, pelas qualidades imanentes do texto, a qualquer instante permite que essas mulheres executem este hábito cultural, praticamente em qualquer turno do dia, inclusive durante o trabalho. Mas é inegável que há uma preferência de leitura pelo período da tarde e antes da hora de dormir.

Os locais nos quais estes hábitos se dão variam bastante (em casa, no trabalho, na escola/faculdade, no ônibus, em salas de espera de consultórios e clínicas), ainda que a preferência pela leitura em casa seja a mais constante. Entrementes, este momento da leitura, está rodeado de marcadores sociais que merecem destaque. O hábito de ler em casa, em ônibus ou em ambientes de trabalho leva nossas leitoras a se confrontarem com formatos de leitura não inclusos nas tipologias de leitura de Chatier (1988), como o da leitura intercalada, por exemplo. Ao mesmo tempo em que se lê os livros estabelecidos pela literatura oficial, por quaisquer exigências escolares, também se lê os romances sentimentais. É o que atesta, Suzana, economista:

“Eu sou formada em Economia, tinha que estudar os livros de Karl Marx, então alternava, de um lado os tomos do Marx, começava a ler, depois dizia esse cara está viajando, vou é ler meus romances, e começava a ler os romances. Meu pai passou e viu a cena, disse ‘eu não acredito que você está estudando Karl Marx e lendo romance’.”

Por outro lado, apesar de adotarem um sistema de empréstimo entre os membros da comunidade<sup>25</sup>, o livro é considerado um bem precioso, que não pode ser compartilhado com aqueles leitores fortuitos e/ou que não pertençam à comunidade de fãs do gênero, é o que confirma o depoimento de Marta, agente administrativo. “Um dia estava lendo no ônibus e percebi que estava ficando torta para frente, quando olhei o rapaz que estava atrás de mim estava lendo também o livro. Eu estava logo na parte mais picante do livro, pensei se quiser ler compre o seu, e então fechei o livro.”

Mas, se a leitura pública dos romances sentimentais é domínio do feminino, a leitura privada, também pode ser compartilhada pelo gênero masculino, ainda que envergonhada. Alguns homens acompanham na penumbra os desdobramentos das

---

<sup>25</sup>. Este sistema de empréstimo acontece a partir do partilhamento de um mesmo gosto, sem requerer maiores informações sobre o “caráter” de para quem o empréstimo é voltado. Em nossa primeira participação presencial nas reuniões do grupo, depois de devidamente, inseridas virtualmente em suas comunidades, nos foram emprestados cerca de dez livros, trazidos para a troca/empréstimos, que aparentemente não interessavam potencialmente a nenhum dos integrantes do grupo àquele momento.



narrativas, opinam e formam juízos de valor sobre os estereótipos desenvolvidos em suas tramas, mas, são ignorados ainda nas poucas pesquisas sobre o gênero. Janáina, digitadora, costuma comprar romances para seu irmão que, segundo ela, também é leitor, mas “que tem vergonha de comprar um romance pessoalmente”, enquanto, Suzana, economista, descobriu em seu chefe, um fã deste tipo de romance:

“Leio os romances no trabalho também. Um dia desses estava empolgada lendo um romance, e falei alto ‘Eu não acredito que ele vai fazer uma coisa dessas’. O meu chefe que estava atrás de mim disse: ‘Eu também não’. Tomei um susto tão grande...” O meu chefe às vezes lê os romances. Um dia já levou até um para ler no banheiro...”

Outro tipo de leitura destacado em nossa pesquisa e também não previsto na tipologia de Chartier (1988) é aquele que modifica visual e estruturalmente a obra, fazendo com que se “apague”, no texto, características de personagens que não agradem aos gostos das leitoras, como atesta Marta, agente administrativo:

“Comecei a ler um livro que o personagem tinha bigode. Eu não gosto de homem com bigode, então comecei a riscar todas as partes do livro que tinha a palavra bigode. O livro ficou todo marcado de corretivo. Quando não gosto de uma característica, eu risco mesmo.”

Enfim, lembramos que o prazer que a leitura dos romances sentimentais aloca não está somente na fruição do texto, mas, se encontra no fato de ser um prazer compartilhado. As leitoras abordadas afirmam que um dos maiores prazeres oriundos da leitura é a sociabilidade que tal prática engendra. Todas as nossas leitoras afirmam “conversar com pessoas” sobre os romances, mas o fazem com diferentes interlocutores: amigas, reais e virtuais e parentes. Entrementes, esta rede de prazer não se situa apenas nas conversas compartilhadas sobre os livros, mas, nas relações de amizades que produzem. Assim, lê um livro é mais do que interpretar/incorporar os significados manifestos ou latentes do texto, é uma prática social cujos desdobramentos ainda estão muito longe de serem minimamente compreendidos pela academia.

### **Referências Bibliográficas**

- ALBERONI, Francesco. *O erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.  
ABREU, Marcia et alli. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.  
ANDRADE, R.M.B; SILVA, E. H. A atração sexual nos romances sentimentais (1940-1960): Amor e Paixão em Elinor Glyn IN: *XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Paraná, 2009.



- ANDRADE, R.M.B; SILVA, E. H. Os romances sentimentais do Século XX no Brasil. IN: *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Natal, 2008.
- ANDRADE, R.M.B; SILVA, E. H. A Vida em Cor de Rosa: Corin Tellado e a Ditadura Militar no Brasil. IN: *XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Caxias do Sul, 2010.
- AVERBUCK, Lúcia (org). *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. *La distinction: Critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.
- CALDAS, Waldenyr. *Literatura da cultura de massa*. 3ª ed. São Paulo: Musa, 2001
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHARTIER, Roger. Du livre au livre. In: *Réseaux*. Paris: Editions Rivages, volume 6 n°31. pp. 39-67, 1988.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DUMONT, Lígia Maria Moreira. *Lazer, leitura de romances e imaginário*. Perspect. Cienc. Inf., Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 117- 123, jan./jun. 2000.
- DUMONT, Lígia Maria Moreira; SANTO, Patrícia Espírito. Leitura feminina: motivação, contexto e conhecimento IN: *Ciências & Cognição*. São Paulo, Vol. 10, p. 28-37, 2007.
- ELIAS, Norbert. *O Processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- JAUSS, H.R. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978.
- LOURENÇO, Daiane da Silva. Adolescentes lêem, sim: a circulação da literatura estrangeira na escola. IN: *II Colóquio da Pós-Graduação em Letras*. Campus de Assis, Editora UNESP, 2000.
- MEDINA, C. A. *A função social do livro na atual realidade brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais/Sindicato Nacional de Editores de Livros, 1975.
- MILANESI, Luiz Augusto. *O paraíso via Embratel: o processo de integração de uma cidade do interior paulista na sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.145-156.
- RADWAY, Janice. *Reading the romance: women, patriarchy and popular literature*. London: Verso, 1987.
- RUDIGER, Francisco. *Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- SAMONÀ, Carmelo: Los códigos de la novela sentimental IN: *Historia y crítica de la literatura española*. Barcelona: Crítica, 1980.
- SODRÉ, Muniz. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1978.